



**EPEPE**  
ENCONTRO DE PESQUISA  
EDUCACIONAL  
EM PERNAMBUCO

Educação e Desenvolvimento  
na Perspectiva do Direito à Educação

10 - Educação e suas Tecnologias

## **O USO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS PELOS PROFESSORES DE EJA NO MUNICÍPIO DE GARANHUNS**

**Robson Santos de Oliveira/UFRPE**

**Alex de Araújo Lima/URPE**

**Eliane Ferreira Cavalcanti/UFRPE**

### **RESUMO**

O presente trabalho apresenta os resultados parciais decorrentes de projeto de extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) executada na Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG), no qual também pesquisamos o perfil dos professores de Educação de Jovens e Adultos (EJA) com referência à cibercultura e ao uso das tecnologias na sala de aula. Os resultados até o momento apontam para um conhecimento mínimo de cibercultura por parte dos professores quanto ao uso de computadores e internet, no entanto, a utilização dos programas de editoração de textos, de gráficos e de slides de apresentação aplicados em educação em sala de aula apontam para defasagens quanto às habilidades com estas ferramentas. Além desses recursos digitais foi realizada sondagem quanto ao uso dos recursos tecnológicos eletrônicos como data-show, televisão, rádio e aparelho de DVD obtendo-se resultados que apontam para uma prática pedagógica em que as tecnologias não são devidamente apropriadas.

**PALAVRAS-CHAVES: Cibercultura, EJA, tecnologias educacionais.**

## PROBLEMÁTICA EM ESTUDO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece em sua seção V e artigos 37 e 38 as orientações sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Posteriormente outros documentos legais do governo brasileiro estabeleceram outras considerações sobre a EJA como Parecer da Câmara de Educação Básica nº 11/2000 de maio de 2000 e complementado pela Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 1 de 5 de julho de 2000. Tais legislações, contudo, não aprofundam os aspectos pedagógicos ou fazem menção ao uso de recursos tecnológicos para efetividade da prática pedagógica na EJA.

Podemos identificar como observações mais próximas para o uso das tecnologias na EJA nesses documentos o que orienta o artigo 17 da Resolução nº 1/2000 quanto à formação inicial e continuada dos profissionais de para a Educação de Jovens e Adultos (e isto de forma indireta no texto que reproduzimos a seguir) nos itens 2 e 4:

- II – investigação dos problemas desta modalidade de educação, buscando oferecer soluções teoricamente fundamentadas e socialmente **contextuadas**;
- IV – utilização de métodos e **técnicas** que contemplem códigos e linguagens apropriados às situações específicas de aprendizagem.

Destacamos no texto os termos que podem trazer inferências e aproximações para o uso das tecnologias educacionais. Isso, talvez, reflita o contexto geral da EJA em que as tecnologias ou as recomendações para o seu uso não parecem ser acentuados nos documentos legais, diferente do que ocorre na Educação Básica, para a qual são preconizados os recursos tecnológicos tanto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como em diversos programas e projetos de âmbito nacional.

Concomitantemente a isto deve-se destacar a questão da formação inicial docente quanto ao uso das tecnologias educacionais que não tem sido enfatizada nos cursos de Pedagogia e de Licenciaturas no país. Na investigação para a UNESCO, as pesquisadoras Gatti e Barreto (2009, pp. 124-125) detectaram que 25% das disciplinas dos cursos de Pedagogia são optativas e apenas 3,2% das disciplinas optativas se preocupam com as novas tecnologias.

Do relatório de Gatti e Barreto (2009, p. 123) ficamos a saber que o número de disciplinas de Tecnologias ofertadas nos cursos de Pedagogia não chegam a 1%, totalizando 22 casos de IES que apresentam tais disciplinas como obrigatórias em suas matrizes curriculares. Com referência às mesmas disciplinas, mas agora no quadro das optativas (eletivas), detectou-se um quantitativo de 13 delas nos diversos cursos, totalizando 3,2% da

carga horária destinada a essas disciplinas. Tais disciplinas é uma das que respondem às demandas contemporâneas, conforme propugnadas nos PCNs

voltadas a estudos sobre novas tecnologias e educação, educação a distância e inclusão digital de educadores e cidadãos em geral, muito embora deva-se lembrar a dispersão dessas disciplinas entre os cursos. De modo geral, as disciplinas do bloco são muito variadas, não chegando a caracterizar um padrão.(Gatti & Barreto, 2009, p. 31)

Verifica-se, assim, como é dada pouca ênfase no curso de Pedagogia à formação em metodologias tecnológicas, pouco orientando-se práticas e referenciais teóricos sobre o uso pedagógico das tecnologias na educação.

O Relatório da UNESCO (Gatti & Barreto, 2009) sobre o panorama atual da formação inicial e continuada de professores e professoras no Brasil é o resultado de ampla investigação das pesquisadoras Bernardete Gatti, que coordenou o trabalho, e Elba de Sá Barreto, ambas da Fundação Carlos Chagas, verificando não apenas os cursos de Pedagogia, mas também os cursos de Licenciaturas. Indicaremos a seguir os pontos relevantes da pesquisa, com referência à disciplina de ‘tecnologias na educação’.

Nas grades curriculares dos 32 cursos de Letras, foram listadas 1.397 disciplinas, sendo 1.207 obrigatórias e 190 optativas (eletivas). Do total de disciplinas que compõem a categoria ‘conhecimentos específicos para a docência’ apenas 2,4% delas destinam-se aos saberes relacionados à tecnologia (Gatti & Barretos, p.133)

Nas estruturas curriculares dos cursos de Matemática, foram listadas 1.228 disciplinas: 1.128 obrigatórias e 100 optativas. Do total das disciplinas, 14,7% dizem respeito à categoria ‘outros saberes que, como dito, englobam os temas transversais e novas tecnologias. Melhor do que no curso de Letras, os números de disciplinas relacionadas às tecnologias totalizaram 18, no ano de 2006 (idem, pp. 132-142). Com referência às disciplinas optativas foi registrado apenas 2 disciplinas destinadas aos saberes relacionadas às tecnologias (2%). Embora, aos poucos alguns cursos ofereçam a disciplina relacionada à tecnologia como Introdução à Informática, merece destaque as observações pertinentes das pesquisadoras (Gatti & Barretos, p. 144):

Dentre os currículos e ementas analisados, verificou-se que apenas um deles não possui uma disciplina específica para trabalhar com conceitos ligados à computação. Porém, quando se trata de uso da informática para a educação, esta é referida claramente em apenas 29% dos cursos. Três dos cursos

apresentam várias disciplinas com ementas que fazem referência às novas tecnologias de informação e comunicação. Observa-se, no entanto, que as ementas mostram mais uma discussão sobre a utilização dessas tecnologias do que a sua aplicação propriamente dita. Questiona-se se a forma como esse conhecimento vem sendo ministrado favorece a utilização das novas tecnologias nas práticas de ensino dos futuros professores. Ou seja, se disciplinas que apenas discutem, teoricamente, a informática no ensino e que fornecem fundamentos da computação são suficientes para uma futura prática docente com utilização das novas tecnologias.

Os dados encontrados permitem inferir que os cursos de Pedagogia e Licenciaturas estão na contramão da sociedade, com referência ao uso das tecnologias seja presente nas ementas e práticas pedagógicas ou nas disciplinas específicas para tal finalidade teórico-prática, quando comparados ao uso que os alunos fazem do computador nessa era digital, já denominada por alguns pesquisadores como tempo da geração “homo zappiens” (Veen & Vrakking, 2009). As informações apresentadas por Gatti e Barretos (p. 171) quanto ao uso do computador por parte dos alunos dão a dimensão desse contra movimento: em média, somente 5% dos alunos afirmaram que não utilizam computador e 63,7% o utilizam frequentemente, além disso, em torno de 81,3% têm acesso à internet e 87,6% consideraram ter bom domínio de informática.

O estudo das tecnologias na EJA tem sido recente, sendo disponibilizados trabalhos de experiências em projetos de extensão ou pedagógicos em alguns lugares do país como nos relatos de Rodrigues (2009), Curto (2010), Bovo (2010) e Trindade (2010), dentre outros. Não há uma sistematização de estratégias pedagógicas mais proeminentes ou estudos mais aprofundados que sejam dedicados ao uso das tecnologias na modalidade de EJA.

Encontramos no portal digital do MEC poucas referências que sejam direcionadas para o uso das tecnologias na EJA, como os *Cadernos de EJA: materiais pedagógicos para o 1.º e o 2.º segmentos do ensino fundamental de jovens e adultos*, dentre os quais destacamos o Caderno Temática “Tecnologia e Trabalho” com algumas sugestões sobre o uso das tecnologias emergentes. Nos documentos referenciais de Propostas Pedagógicas para o Primeiro Segmento (BRASIL, 2001) e para o Segundo Segmento (BRASIL, 2002) da EJA encontramos referências generalistas no primeiro documento e citações mais específicas, metodologicamente falando, no segundo documento.

Inspirados pelo movimento educacional proposto por Paulo Freire na alfabetização de adultos, utilizando as ferramentas tecnológicas da sua época, motivamo-nos a uma releitura de suas experiências e de sua epistemologia a fim de que possamos na atualidade rever as metodologias e procedimentos pedagógicos na modalidade de EJA utilizando as tecnologias.

A problemática, portanto, é extensiva aos professores de modo geral que, desde a formação básica, não possuem ou se possuem uma aprendizagem quanto ao uso das tecnologias educacionais são mínimas diante o cenário da cibercultura na qual estamos inseridos atualmente. Essa é uma questão não restrita apenas aos professores que atuam na EJA mas aos professores de modo geral, embora evidencie-se que se torne mais enfática nos profissionais que atuam nessa modalidade de ensino.

### **O PROJETO DE EXTENSÃO DA UFRPE/UAG COM OS PROFESSORES DE EJA**

Os resultados dessa pesquisa em andamento é decorrente do projeto de extensão da UFRPE/UAG conforme edital nº 4 da Pró-Reitoria de Atividades de Extensão (PRAE). O objetivo do projeto é a formação docente em práticas de educação tecnológica na EJA, considerando as experiências de Paulo Freire em Angicos (RN) e em Brasília (DF) no projeto de alfabetização nacional, destacando o uso das ferramentas tecnológicas àquela época. Como objetivos específicos apontamos:

- 1) Sensibilização docente para uso das tecnologias na modalidade EJA e
- 2) Compreensão dos níveis de letramento digital de jovens e adultos na modalidade EJA.

O projeto de caráter extensionista contempla, contudo, pesquisa de campo, na medida em que são realizadas as seguintes ações:

- Sondagem de campo (coleta de dados sobre uso de tecnologias pelos docentes da EJA);
- Visita às escolas que oferecem a modalidade EJA observando-se a infraestrutura tecnológica disponibilizada;
- Formação docente com os professores da EJA, resgatando a metodologia freiriana e o uso das tecnologias que realizou nos projetos pioneiros de Angicos (1962/1963) e Brasília (1963/1964);

- Orientação docente no período de formação para o uso das tecnologias atuais, dando-se ênfase ao uso da câmera digital, rádio, TV e Cinema, produção de vídeos, assim como uso das ferramentas de edição de textos, de imagens, de planilhas eletrônicas e de slides de apresentação.

O projeto de extensão é formado por um coordenador, professor da UFRPE, que atua na área de EJA, no curso de Pedagogia e por dois alunos extensionistas que atuam na pesquisa e atividades de formação junto aos docentes de EJA. Os encontros de formação docente ocorre uma vez ao mês, sendo disponibilizados textos, cds com vídeos e artigos diversos sobre o método freiriano e o Movimento de Cultura Popular (GONÇALVES, 2012).

Este projeto de extensão da UFRPE teve início em janeiro de 2014 com reuniões junto à coordenação de EJA da Secretaria Municipal de Educação, visitas realizadas às escolas que atendem essa modalidade de ensino tendo iniciado a formação docente em fevereiro de 2014 com 40 participantes que lecionam nos dois segmentos da EJA no município de Garanhuns. A previsão é de conclusão do projeto é em novembro de 2014 com elaboração de Relatório Final em dezembro deste ano.

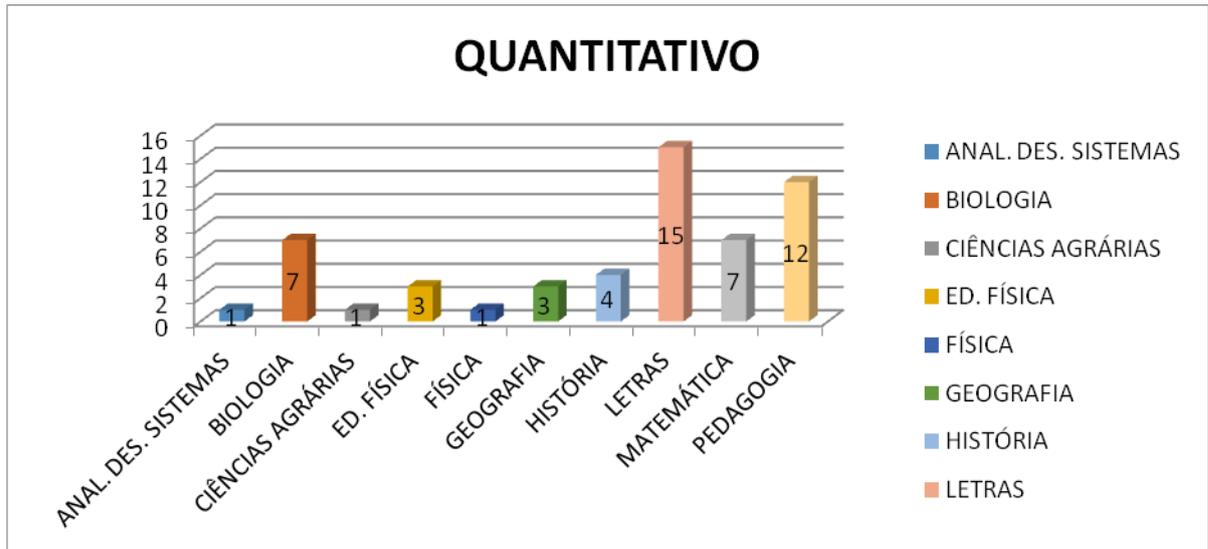
Durante o primeiro semestre deste ano, paralelamente à formação docente, realizamos com a colaboração de alunos extensionistas uma pesquisa em dois momentos buscando identificar o perfil docente quanto ao uso das tecnologias. A primeira pesquisa foi realizada observando-se o uso das ferramentas eletrônicas como TV, DVD, rádio e data-show em sala de aula. Na segunda pesquisa buscou-se analisar as habilidades docentes quanto ao uso dos computadores e da internet.

A pesquisa foi realizada através de formulário com perguntas objetivas, sem a identificação dos participantes. Recolhido o questionário submetemos à translação em dados gráficos e tabelas a fim de melhor análise, utilizando o editor Excel da Microsoft.

## **DADOS QUANTO AO USO DAS TECNOLOGIAS PELOS DOCENTES DE EJA**

Apresentaremos inicialmente os dados relativos ao primeiro módulo da pesquisa (perfil docente quanto à formação acadêmica, uso dos recursos eletrônicos).

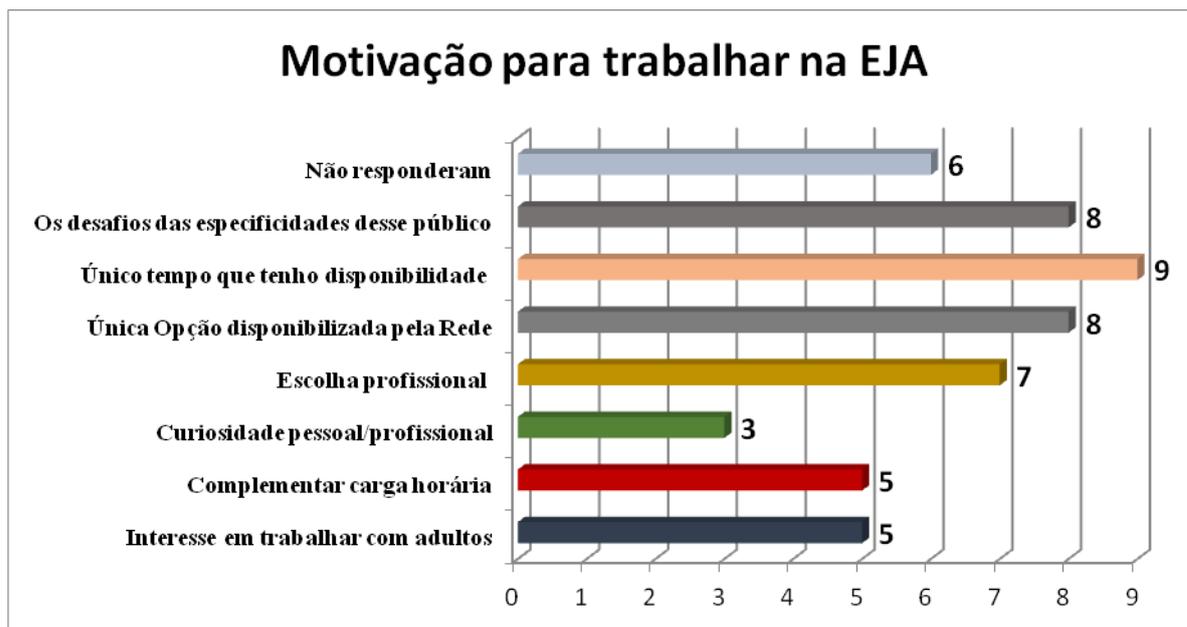
Quanto ao perfil docente tomando-se como referência à formação inicial obtivemos os seguintes resultados:



**Figura 1** Perfil docente de EJA (município de Garanhuns) quanto à formação inicial

Observamos, portanto, uma maioria oriunda do curso de Letras (15 pessoas) e de Pedagogia (12 pessoas). Em outro gráfico observou-se que 30% dos participantes concluíram seus cursos antes da virada do milênio (2000), quando a maioria deles ainda não ofereciam disciplinas de Tecnologias Educacionais. Isso é significativo quando percebemos que muitos docentes não têm habilidade com as tecnologias emergentes, evitando-as em sala de aula. Talvez seja resultado da formação inicial, quando não se contemplava as noções de tecnologias, bem como evidencia a inexistência de formação continuada para o uso dos recursos tecnológicos no ambiente educacional e, especificamente, o de EJA.

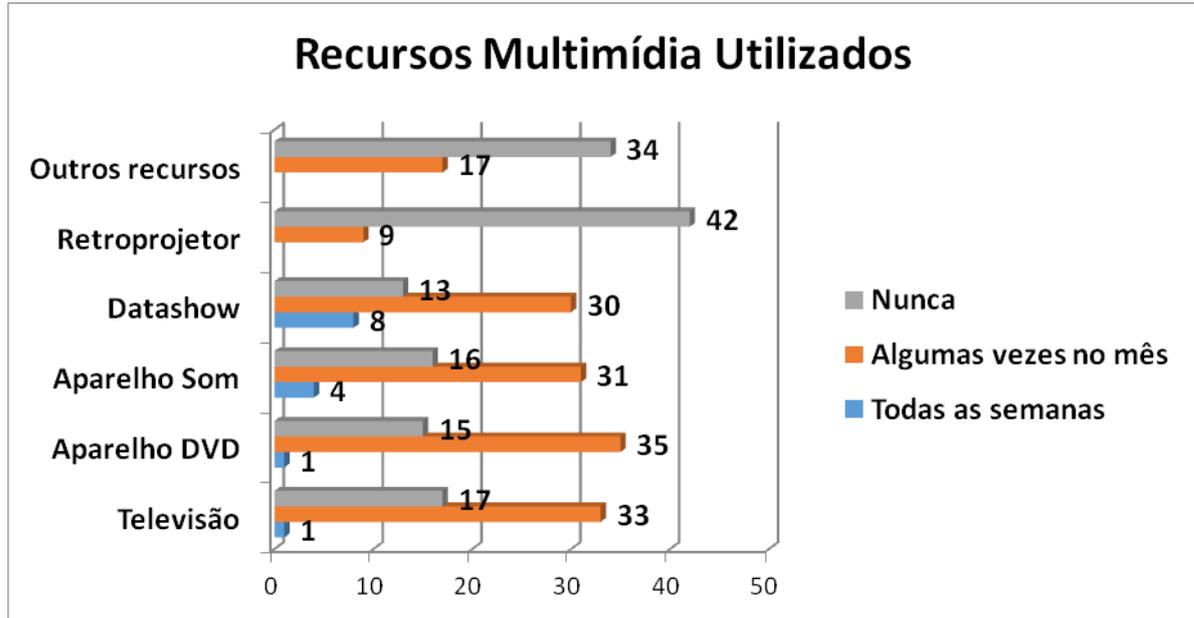
Um dado significativo para a compreensão de fatores indiretos que afetam a atuação docente, inclusive quanto ao uso das tecnologias e o envolvimento com novas abordagens didáticas, diz respeito às motivações dos docentes para atuarem na EJA:



**Figura 2** Motivação docente para atuar na EJA

Em sua maioria os entrevistados responderam que atuam não por uma identificação com a modalidade de ensino, mas porque é o “tempo disponível para o preenchimento das horas de trabalho semanal” ou é a “única opção disponibilizada pela Rede Municipal de Ensino” ou para “complementar a carga horária”. Apenas sete pessoas das 50 participantes dessa pergunta responderam que a motivação foi por “escolha profissional”. Tais respostas permitem inferências quanto ao interesse dos docentes em utilizar recursos tecnológicos em sala de aula: sentem-se motivados para a implementação de novas tecnologias nas aulas destinadas aos jovens e adultos?

Com referência ao uso dos recursos eletrônicos na atuação docente na EJA, como o uso de TV, rádio, DVD, dentre outros, obtivemos os seguintes dados:



**Figura 3:** Uso de recursos multimídias pelos docentes de EJA

Destaquemos, por amostra, a TV e o aparelho de DVD: 33 pessoas utilizam algumas vezes no mês a TV (filme, reportagem, teleaula etc.) e 35 professores fazem uso do DVD (filmes, documentários, músicas etc.) no mesmo período. Apenas uma pessoa registrou que faz uso desses recursos uma vez por semana.

Concluimos, assim, como os docentes ainda utilizam tão pouco as tecnologias atuais para as aulas de EJA. Esse dado é marcante para discussões, porque ao estudarmos os relatos do projeto de alfabetização implantado por Paulo Freire (início da década de 1960) verificamos que eram utilizados os recursos tecnológicos daquela época para a modalidade de ensino de EJA.

Paulo Freire e sua equipe na cidade de Angicos (RN) utilizou de projetor eletrônico de imagens tipo polonês e fez uso também das fichas de imagens elaboradas por artistas plásticos como Francisco Brennand (LIMA, 1965). Esses recursos visuais constituíam as tecnologias utilizadas nos projetos que se tornaram marcos históricos no sistema freiriano de alfabetização de adultos, nas cidades de Angicos e de Brasília, como protótipos do Programa Nacional de Alfabetização no início da década de 1960, antes da Ditadura Militar (FÁVERO & MOTTA, 2012).

Os pesquisadores da Universidade Federal Fluminense, Osmar Fávero e Elisa Motta (2012) afirma que “nas fichas desenhadas por Francisco Brennand, percebem-se características estéticas que remetem à arte popular”, pois o foco era o homem do povo e as imagens reproduzidas para tal projeto tinham esse caráter popular, sem as características da

arte clássica ao estilo europeu. A seguir vemos algumas dessas imagens reproduzidas em slides de projeção durante as aulas de alfabetização de adultos:



**Figura 1:** O homem diante da natureza e com a realidade

Nesta primeira situação apresentada como ficha de imagem, o homem está no centro, com uma enxada na mão, o livro na outra e os elementos iconográficos remetem ao homem do povo, de pés no chão, agrícola com sua ferramenta de trabalho, tendo a natureza no entorno.



**Figura 2:** A natureza – mediadora da comunicação entre o homem e o mundo da cultura

Nesta segunda ficha de imagem situacional persiste a visão antropocêntrica, segundo Fávero e Motta (2012): “o homem domina a natureza, domestica animais, sendo apresentado como elo de comunicação entre o mundo da cultura e o mundo da natureza.”

A ênfase inicial desse projeto de extensão deu-se no resgate dessa experiência pedagógica com uso das tecnologias, sob o *background* epistêmico freiriano de educação humanizadora, numa perspectiva metodológica problematizadora, contextualizadora e conscientizadora (FREIRE, 1987). O uso dos recursos tecnológicos da época (projeção de slides, fichas de leitura e de imagens) utilizados por Paulo Freire em seu projeto de alfabetização de adultos serviu-nos como ponto de partida para a transposição dessa mesma metodologia nos dias contemporâneos na modalidade de EJA.

Se, àquela época, utilizava-se pedagogicamente a projeção de slides, o rádio, o jornal por que hoje, quando se tem mais possibilidades e mais recursos tecnológicos não se utiliza tais dispositivos na prática pedagógica destinada ao ensino de jovens e adultos?

A seguir apresentamos os resultados da pesquisa do segundo momento de sondagem quando o foco foi o uso do computador e da internet.

Quanto ao uso do computador questionou-se em que ambiente ele é utilizado e os docentes ofereceram os seguintes dados:

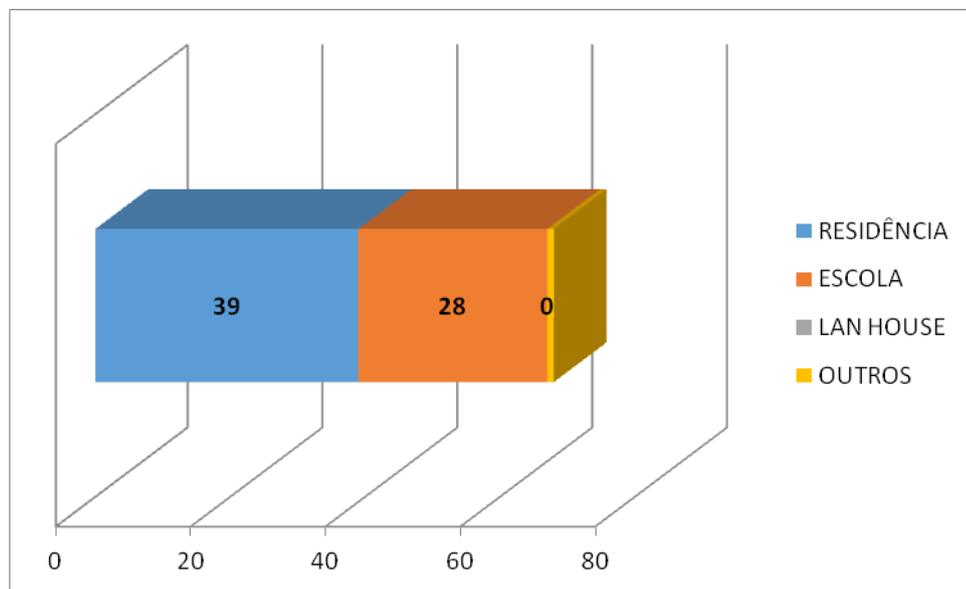
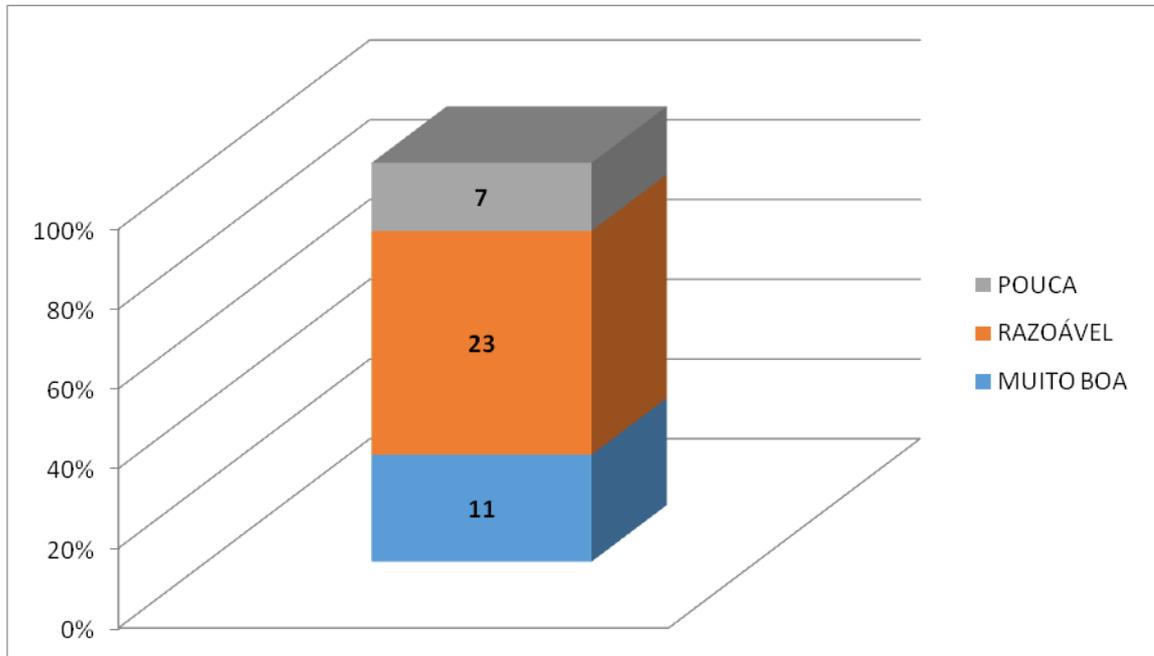


Figura 4: Ambiente de uso do computador

Torna-se evidente que a maioria dos pesquisados utilizam os computadores, sendo a predominância na própria residência e em seguida no ambiente escolar. Isso reflete os tempos atuais em que somos todos forçados ou estimulados para o letramento digital e o uso cada vez

mais frequente da informática no cotidiano. O uso, porém, do computador, não significa aplicação didática em sala de aula, como veremos no gráfico adiante.

Questionados sobre a habilidade em usar o computador os docentes responderam apresentando-se o gráfico:



**Figura 5:** Habilidade docente quanto ao uso do computador

Esse resultado apresentado na figura 5 permite-nos verificar que uma maioria (28 pessoas) diz ter uma habilidade razoável para o uso do computador e 11 professores afirmar possui ‘muito boa’ habilidade para utilizar a informática.

Mudando-se a ênfase das perguntas para o uso da internet obtivemos os resultados mostrados a seguir:

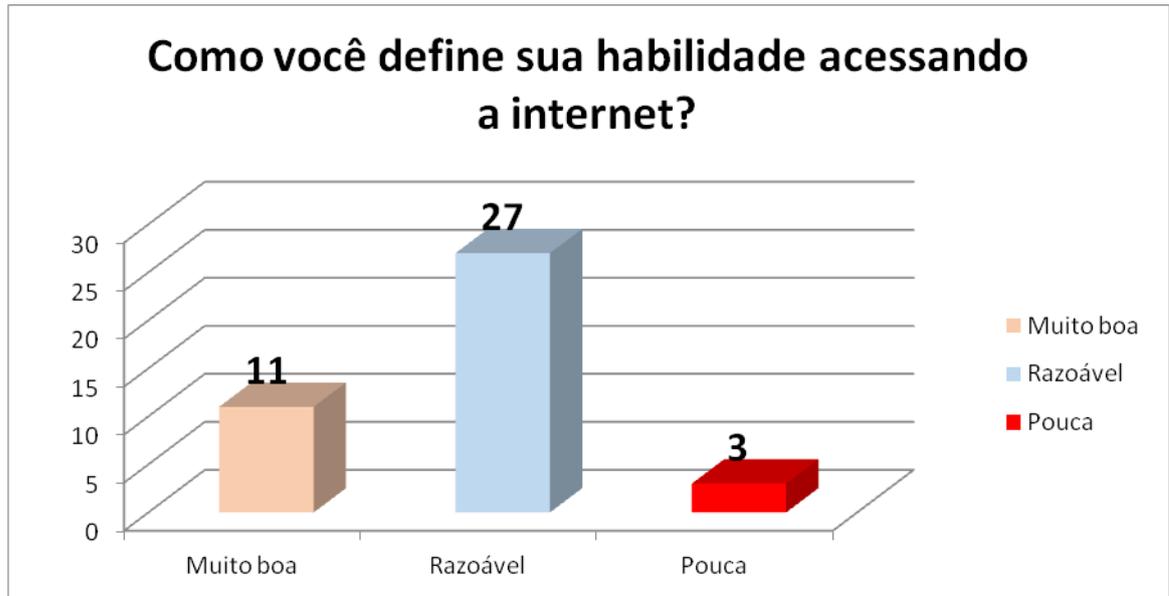


Figura 6: Habilidade quanto ao uso da internet

Os resultados quanto à habilidade usar a internet foram coincidentes quanto ao uso dos computadores. A maioria respondeu que sentia-se razoavelmente hábil para acessar a internet e seus recursos *online*.

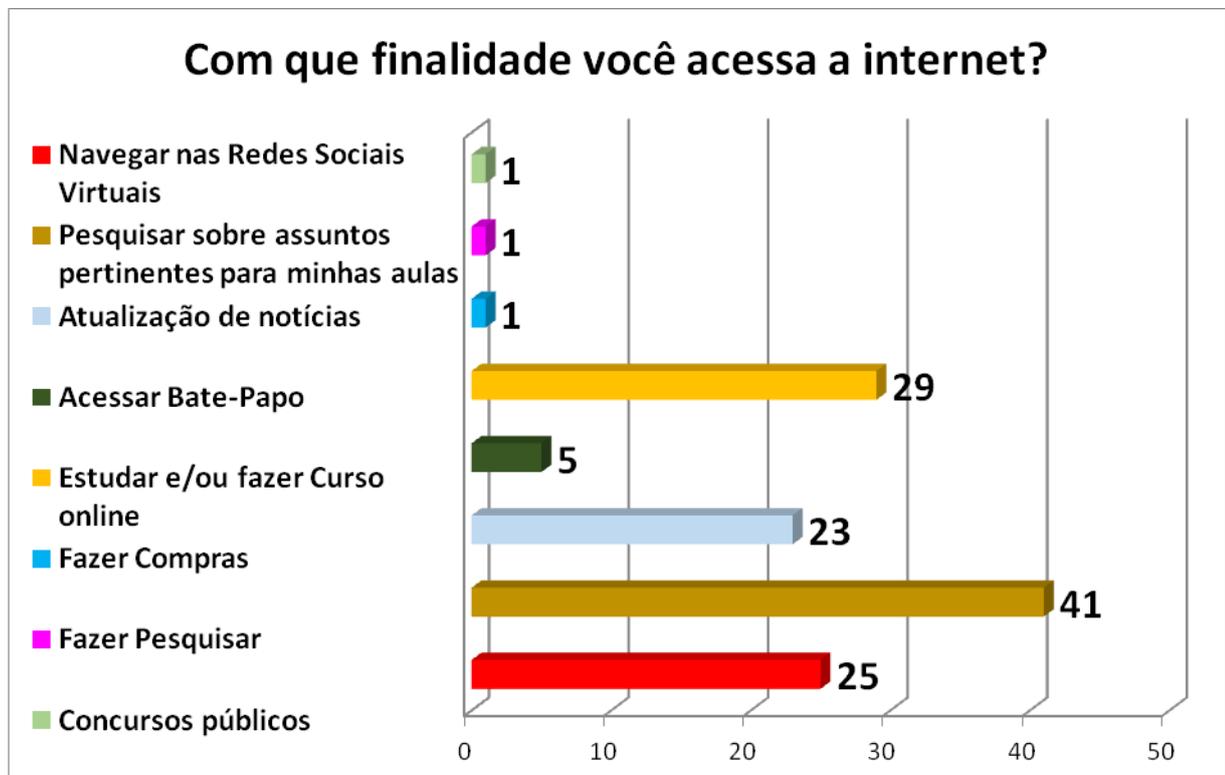
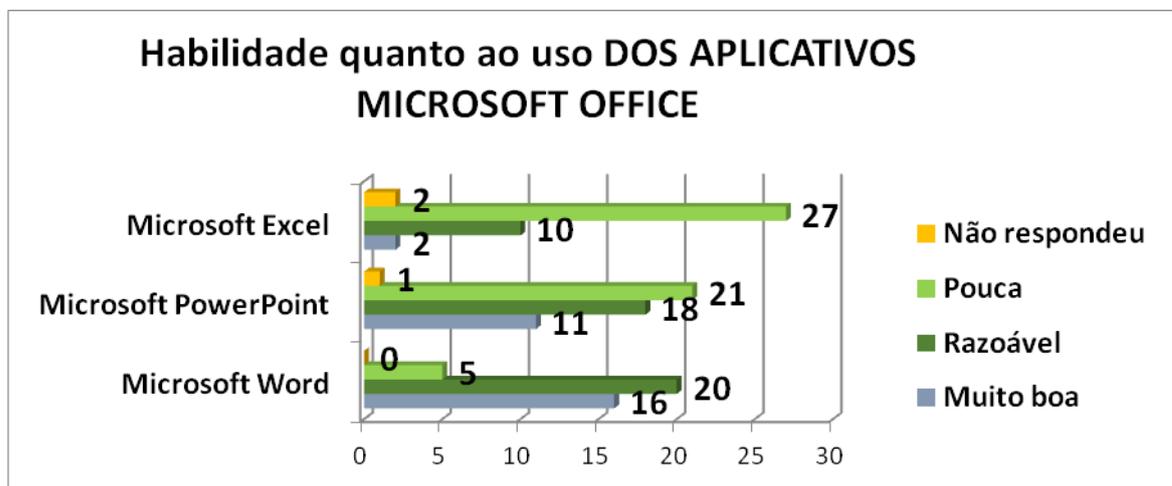


Figura 7: Finalidade de uso da internet

Os resultados apontam para uma imersão do docente na cibercultura (as ferramentas culturais tecnológicas) mediadas pela internet: estudam ou fazem curso online, busca novas notícias ou até mesmo fazem compras nas lojas comerciais virtuais. Nesse sentido, os dados indicam que os docentes estão, de certa forma, utilizando-se da internet e dos recursos virtuais disponíveis.

O próximo gráfico traz uma constatação contraditória diante os resultados já apresentados: se os professores tem razoável conhecimento e habilidade do computador e da internet essa mesma habilidade não se evidencia quando se trata dos softwares mais comuns utilizados, por exemplo, no ambiente educacional, tais como os editores de escritório da Microsoft: editor de texto (Word), editor de gráficos e tabelas (Excel) e editor de slides de apresentação (PowerPoint). Vejamos:



**Figura 8:** Habilidade quanto ao uso dos aplicativos da Microsoft Office

Do gráfico da figura 8 evidenciamos uma maioria não apresenta habilidade para o uso do editor de gráficos e tabelas (27 pessoas) e para o uso de slides de apresentação (21 pessoas). Essas ferramentas permitem ao docente a explanação de tópicos, debates de assuntos, apresentação de dados, os quais podem dinamizar a aula. Aulas de matemática, de ciências, de geografia e de história podem ser realizadas, por exemplo, com o auxílio de gráficos e de tabelas auxiliando no ensino-aprendizagem de forma contextualizada.

Outra conclusão deste último gráfico é a de que o fato de os professores terem acesso à internet, utilizarem o computador, de forma razoável, não implica necessariamente em que o docente utilize esses recursos em sala de aula. A pouca habilidade em usar o editor de planilhas e gráficos, ou o editor de apresentação de slides, reflete essa conclusão imediata.

## CONCLUSÕES

Os resultados são parciais, mas permitem-nos identificar as fragilidades e limitações com que a modalidade de EJA está sendo conduzida por parte dos docentes, muitos dos quais sem apresentarem as motivações devidas para o uso dos recursos tecnológicos em sala de aula.

Estes levantamentos estatísticos impressionam de certo modo, em razão de tantos investimentos governamentais brasileiros na atualização tecnológica das escolas e professores. A questão é que não basta apenas informatizar escolar e capacitar professores se, antes disso ou concomitantemente, os novos professores em sua formação inicial não são preparados pedagogicamente para o uso de tais ferramentas culturais no campo educacional. Por isso mesmo que torna-se imprescindível uma reformulação das matrizes curriculares para a inclusão das disciplinas de tecnologias, mas ainda assim não basta, porque como bem afirma Freitas (2009) faz-se também importante vivenciar as práticas pedagógicas com tecnologias em todas as todas as disciplinas, principalmente aquelas que tratam de didática, metodologias e práticas pedagógicas, ou seja, não somente nas disciplinas de tecnologias educacionais.

A resolução do problema não está simplesmente na entrega de computadores para docentes da rede pública ou implantação de laboratórios de informática nas escolas do país. Além de tais providências necessárias para a inclusão digital, torna-se imprescindível que na formação inicial dos professores ocorra a vivência também de práticas pedagógicas que ensaiem e trabalhem as diversas tecnologias eletrônicas, digitais e de software. Isso significa não somente desenvolver uma prática pedagógica com tecnologias na disciplina específica para tal, mas em todas as disciplinas ter-se experiências com estas ferramentas, a fim de que já na formação inicial possa o professor e a professora ter referenciais teóricos e pragmáticos desta metodologia.

Uma outra questão subjacente à própria formação docente é que ela deve refletir atualmente uma nova abordagem de ensino-aprendizagem, ou como diz Arruda (2009, p. 21) uma espécie de ‘ruptura’ com os modelos anteriores, porque ocorre uma nova relação entre educadores/educadoras e alunos/alunas ante o conhecimento. Essa tríade: professor(a) – aluno(a) – conhecimento precisa ser revista principalmente pelos(as) educadores(as) e profissionais envolvidos diretamente com a educação em sala de aula, coordenação pedagógica, orientação escolar. Essa nova relação desloca o eixo de verticalidade do

conhecimento: professor(a) para aluno(a), predominante por séculos, num fluxo de transmissão de conhecimento daquele para este último.

Atualmente o fluxo é bidirecional e muito mais interativo, porque os alunos(as) ao entrarem em sala de aula já vêm com um conjunto de saberes construídos e em constante construção, tendo já acessado diversas fontes de informação disponíveis pela mídia eletrônica-digital.

O fato dos docentes utilizarem a internet e utilizarem o computador não implica necessariamente que os docentes aplicam os recursos da internet ou do computador em sala de aula. Implicações diversas existem para isso:

- Formação inicial docente com ausência de disciplina de tecnologias;
- Desmotivação docente para aprender o uso das novas tecnologias;
- Falta de estratégias institucionais para a implementação de tecnologias na escola;
- Inexistência de ênfase de uso das tecnologias nos documentos norteadores da EJA.

Estes fatores contribuem para os resultados que apresentamos, mesmo que tenham eles a validação apenas local, permitindo-nos ampliar os estudos para outros ambientes, comparando-se os dados para uma percepção global do uso das tecnologias na EJA por parte dos professores e também dos alunos.

## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Eucídio. Relações entre tecnologias digitais e educação: perspectivas para a compreensão da aprendizagem escolar contemporânea. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (org). *Cibercultura e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular. 1º segmento / coordenação e texto final (de) Vera Maria Masagão Ribeiro; — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos : segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série : introdução / Secretaria de Educação Fundamental, 2002.
- CURTO, Viviane. Trabalhando com o computador na EJA: uma análise dos relatos das práticas pedagógicas em meio digital com jovens e adultos. Disponível em: <[www.ufpe.br/nehte/.../anais/p.../trabalhando-com-o-computador-na-eja.pdf](http://www.ufpe.br/nehte/.../anais/p.../trabalhando-com-o-computador-na-eja.pdf)>. Data de acesso: 17/10/2013.
- BOVO, Vanilda Galvão. O uso de computador em educação de jovens e adultos. Disponível em: <[www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista.../o\\_uso\\_do\\_computador\\_na.pdf](http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista.../o_uso_do_computador_na.pdf)>. Data de acesso: 31/10/2010
- FÁVERO, Osma & MOTTA, Elisa. Revista Linhas Críticas, v. 18 n. 37, set./dez. 2012.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção (org). *Cibercultura e formação de professores*. Belo Horizonte:Autêntica Editora, 2009.
- GATTI, Bernardete; BARRETTO, Elba. *Professores no Brasil: impasses e desafios*. Siqueira de Sá. Brasília: Unesco, 2009.
- GONÇALVES, Luiz Gonzaga. O movimento de cultura popular e o lugar de uma sensibilidade e Inteligência identificadas nas práticas populares. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 21, n. 37, p. 219-226, jan./jun. 2012
- RODRIGUES, Melina. O Uso de Novas Tecnologias em Turmas de EJA. Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre, v. 1, n. 1, 2010.
- TRINDADE, Ana Paula dos Santos & NUNES, Wallace Vallory. Cadernos da FaEL, Volume 2, nº. 5, Mai./Ago. de 2009.
- VEEN, Win; VRAKING, Ben. *Homo Zappiens: Educando na era digital*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

